

Prólogo

Estou atrasada, atrasada, para um encontro muito importante, canto eu para dentro enquanto desço a rua — meio a caminhar, meio a correr. É como se tudo conspirasse para não me deixar chegar a casa do Joseph: o tipo irritante que passeia os seus *terriers* descontrolados com as suas trelas ridiculamente compridas que pareciam determinadas a fazer-me tropeçar; o trânsito para fora de Portsmouth que me fazia parar em todos os semáforos vermelhos; a falta de lugares de estacionamento perto da casa dele.

Tento desesperadamente não me atrasar ainda mais, pois o Joseph odeia atrasos. Está quase no topo da sua lista de implicâncias de estimação. Já sei que vai dizer que eu devia ter saído mais cedo, mas pensei que teria tempo de sobra.

Nem os saltos dos sapatos me estão a ajudar. É aquele tipo de sapatos que nos levam ao engano. Achamos que são praticamente rasos até ao dia em que temos pressa de chegar a um sítio e nos damos conta de que andamos a fazer equilibrimo em cima deles. Mais valia ter calçado sapatos de salto alto — à matadora —, pelo menos faziam-me as pernas mais compridas e sensuais.

Chego finalmente à casa do Joseph e toco à campainha. Vejo a sua silhueta aproximar-se do vidro opaco da porta e, apesar de estarmos juntos há quase um ano, fico nervosa. Só pode ser amor.

— Ah, olá. Até que enfim — diz ele ao abrir a porta.

— Desculpa — respondo, esticando-me e beijando-o na esperança de compensar o meu atraso. — Estive no cabeleireiro e depois

passsei pelo *Waitrose* para trazer uma sobremesa, mas o trânsito para cá estava medonho e não conseguia arranjar lugar para estacionar.

Passo por ele, tirando os sapatos para não marcar o soalho de madeira, e vou para a cozinha, onde pouso o saco das compras na longa mesa de carvalho. Olho à volta — há qualquer coisa que não está bem. Preciso de um segundo para me dar conta de que está tudo frio e silencioso, o que é surpreendente tendo em conta que ele deveria estar a preparar o nosso jantar.

— Achei melhor esperar por ti para começar a cozinhar — diz ele ao entrar depois de mim, lendo-me os pensamentos. Dirige-se para o lava-loiça e lava as mãos meticulosamente, como um cirurgião, e o meu estômago solta um suspiro de alívio por a preparação da comida estar iminente. Estou cheia de fome. — Comprei esparguete com molho para comermos.

Sinto um aperto no coração. Não que eu estivesse à espera de que ele se transformasse num *chef* Michelin da noite para o dia, mas quando sugerira um jantar na casa dele imaginei-o carinhosamente atarefado de volta dos tachos. Aos sábados à noite vamos invariavelmente jantar a um qualquer restaurante elegante que parece servir-nos porções para coelhinhos, por isso ando ansiosa por me empanturrar com comida caseira. Esparguete com molho não era bem o que eu tinha em mente. Sei que vai ser esparguete fresco e molho *M&S*, pois o Joseph é um pouco pretensioso quando se trata de compras no supermercado, mas ainda assim...

Ainda bem que eu trouxe um *cheesecake* de recurso, ou teria sido mesmo um desastre.

Tento ignorar a desilusão e abraço-o pela cintura. Nada me levanta mais o ânimo do que um beijo e um miminho. Ele devolve-me o abraço e eu inspiro o seu *aftershave*.

— Então, o que achas do meu penteado? — pergunto, reclinando-me para trás e sacudindo um pouco os meus longos cabelos.

— Cortaste muito? — Semicerra os olhos como se estivesse a tentar ver o que eu tinha feito. Talvez não veja bem porque estou

muito perto dele. Ou, o que é o mais certo, é o típico homem que nem ia notar se eu tivesse cortado o cabelo todo.

— Cerca de um centímetro — respondo, abanando a cabeça para soltar os cabelos.

Verdade seja dita que tenho o cabelo mesmo muito comprido, e um centímetro é provavelmente uma gota no oceano, mas tem aquele aspeto lustroso e solto que só um cabeleireiro é capaz de lhe conferir.

— Está bonito — diz ele, afastando-se de mim.

Considero o gesto como a dica para começar a tirar as compras do saco. Tiro o *cheesecake* de recurso e arrumo-o no frigorífico. Claro, está lá o *tagliatelle* da marca *M&S* e um frasco de molho. O meu namorado é como um livro aberto para mim.

— Queres beber alguma coisa? — pergunta ele, virando-se para a garrafeira.

Está pouco falador e fico a pensar se estará aborrecido por eu ter chegado atrasada, mas as olheiras à volta dos olhos denunciam stress. Deve ter passado a tarde a trabalhar. Anda esgotado com toda a pressão a que tem estado sujeito.

Espero que uma agradável noite caseira o ajude a relaxar.

Podia fazer-lhe uma das minhas massagens especiais às costas, podíamos tomar um banho de espuma com velas, como nos filmes, na sua maravilhosa banheira de pés vitoriana.

— Terra chama Abi. Queres beber alguma coisa? — pergunta ele outra vez, arrancando-me à minha fantasia na qual ele não tinha nada vestido senão uma barba de espuma.

— Bebo, sim. Comprei uma garrafa de *Chianti* — digo eu, lendo o rótulo ao tirá-la do saco. Coloco-a em cima da mesa.

— Pronuncia-se *qui-anti* — diz ele, articulando a palavra.

Acho que ruborizei um pouco. Claro que se pronuncia assim. Fui influenciada pelo «chi», como em «chá».

Dá-me um açoite no rabo na brincadeira com o pano de cozinha que tem na mão, como que expondo o meu erro de menina da escola, e depois tira-me a garrafa das mãos.

Antes de conhecer o Joseph, achava que os vinhos eram brancos, tintos e rosé. Ele tem estado a tentar ensinar-me aos poucos. Eu só tinha comprado este *Chianti* por estar em promoção e ter ganhado um prémio qualquer.

— Parece uma boa garrafa — diz ele, examinando-a atentamente antes de lhe tirar a rolha com o saca-rolhas sofisticado que nunca sei usar.

Contente por ele pelo menos estar a abri-la, o que quer dizer que tinha passado o teste do rótulo, sento-me à mesa.

— Bem, estava a pensar — digo eu, tentando animá-lo — no nosso aniversário no próximo mês. Pensei que podíamos sair no fim de semana. Sabes, para um hotel rural ou um spa, ou para uma cidade como Bath ou York.

Tento abordar o assunto como se não fosse nada de mais, não dando a entender que é a única coisa em que tenho pensado desde que a ideia me ocorreu, na semana passada.

— Que dia é?

— Que dia? — guincho eu demasiado depressa.

Choca-me que não saiba, mas os homens são uma nulidade a lembrar-se de coisas assim, não é?

— Dia 20 de março.

— Ah, mmm... Nesse fim de semana são os anos da minha mãe, e a minha irmã vem cá celebrar a data. Acho que vamos almoçar não sei onde no domingo.

— Pois — digo eu, tentando não ficar muito dececionada.

É o nosso primeiro aniversário e estou para lá de empolgada. É a relação mais longa que já tive, por isso queria fazer render um pouco a ocasião. Já vi a prenda perfeita para ele e mandei fazer um cartão personalizado com a nossa fotografia.

— É. Desculpa — diz ele, encolhendo os ombros.

Preciso de uns instantes para me dar conta de que ele nem sequer sugeriu que o acompanhasse ao almoço de aniversário com a família, que eu não conheço, nem que fôssemos noutra fim de semana.

Inabalável e ignorando os sinais de aviso, continuo a minha investida.

— E que tal um dia de spa?

Imagino-nos com robes fofos a condizer. Levanto os olhos e vejo que está concentrado na abertura da garrafa do vinho, como se disso dependesse a sua própria vida.

— Ou podíamos apenas fazer algo normal, jantar fora... ou mesmo ir só tomar qualquer coisa — digo eu, incapaz de desistir da ideia, com a voz a ficar cada vez mais fraca.

A rolha salta com um estalido, como que a dar ênfase ao silêncio que se abateu sobre a sala. Fico a observá-lo a deitar o vinho num decantador, de cara fechada.

— Ou podemos não fazer nada. É apenas um aniversário. Nada de mais — digo eu, já arrependida de ter falado sobre o tema.

— Abi — diz ele, virando-se para mim e encostando-se contra o aparador de uma maneira que me põe o estômago às voltas pelas razões erradas. — Precisamos de falar.

Capítulo Um

Três semanas, seis dias e algumas horas desde que o amor da minha vida me calcou violentamente o coração.

Olho para o relógio gigante que está na parede do escritório e parece que mostra 16 horas. Tenho de confirmar imediatamente no computador para ter a certeza de que não vi mal. *São 16 horas?* Como é que isto aconteceu? Consegui passar sete horas de trabalho sem lágrimas. Está bem, quase sem lágrimas, mas os soluços que sobrevieram na casa de banho tecnicamente não contam, uma vez que estava na hora de almoço.

Sei que parece um pouco patético ficar empolgada por chegar ao fim de um dia de trabalho — como a maior parte das pessoas faz todos os dias —, mas é a primeira vez que venho ao escritório desde que o Joseph me deu com os pés, há um mês.

Tenho a sorte de trabalhar como designer gráfica numa agência de marketing dinâmica e de ter um chefe que acredita que trabalhar um pouco a partir de casa estimula a criatividade. Não posso dizer que tenha estimulado muito a minha nas últimas semanas, mas permitiu-me entregar-me à mãe de todas as depressões. Não podia imaginar nada pior do que tirar o pijama deslavado ou cumprir tarefas diárias básicas como tomar duche ou lavar o cabelo. Como é que as pessoas que têm o coração despedaçado e que não trabalham em casa vão trabalhar todos os dias é algo que ultrapassa a minha compreensão.

Mas, surpreendentemente, cá estou eu, de roupa lavada e cabelo arranjado, tendo resistido sete horas mais do que pensei ser capaz.

Tenho de admitir que a Sian, a minha melhor amiga, tinha razão: fez-me bem. Não que lho vá dizer, claro. Nunca mais se calaria com isso.

Gostaria de poder dizer que vim para o trabalho hoje por minha iniciativa; que acordei sentindo-me um passo mais próxima de esquecer o Joseph, o amor-da-minha-vida que me deixou sem quem porquê, mas na verdade foi o meu chefe que me disse inequivocamente que tinha de vir trabalhar porque não só o meu trabalho — e cito — «está a descambar», como também era o dia da fotografia da agência. É o dia do ano que mais temo em circunstâncias normais, quanto mais se estiver com os olhos inchados e vermelhos em virtude de semanas passadas a chorar desalmadamente.

— A seguir és tu, Abi — chama-me o Rick, o meu chefe, ao passar pela minha secretária.

— Ótimo — murmuro, fingindo entusiasmo. Tenho ouvido gritos e berros a virem do átrio todo o dia, o que não tem contribuído para aliviar a apreensão que sinto.

O Rick odeia fotografias corporativas, e insiste sempre para que as nossas fotografias sejam não só atuais, mas que também deem a ideia de que trabalhar na nossa agência é a coisa mais divertida do mundo.

Este ano esmerou-se. Pensei que fosse uma partida do dia das mentiras, mas afinal ele falava muito a sério. Instalou um trampolim no átrio, daqueles que são o flagelo dos jardins de quem tem crianças. Montou a tela verde do nosso estúdio por trás e a ideia é que todos saltemos em êxtase à frente de um céu azul brilhante num dia de verão, que será mais tarde adicionado em *Photoshop*.

Fico absolutamente aterrorizada com as alturas, e a ideia de saltar para cima e para baixo num trampolim dá-me calafrios.

— Se quiseres vir andando para baixo, podes ver o Giles e depois, quando o Seb o despachar, podes ir tu.

Assinto com a cabeça e levanto-me para sair do nosso gabinete atrás dele na direção do átrio que partilhamos com outras seis empresas. Como se o facto de fazer figura de parva em frente dos meus colegas quando estiver a tremer de medo não fosse já suficientemente

embaraçoso, todas aquelas pessoas que por ali passassem iriam testemunhar a ocasião.

— Devo dizer que estou contente por teres voltado ao trabalho, Abi. Lamento termos tido de te escrever uma carta formal — diz o Rick. Faz um gesto com a mão como que a sugerir que o facto de eu ter recebido uma carta a dizer-me basicamente que tinha de me pôr fina e apresentar-me no escritório senão levava com um processo disciplinar em cima, coisa que me apavorou, não teve importância nenhuma. — Já sabes como é o departamento de recursos humanos nos dias que correm; tudo tem de ser feito formalmente.

— Não faz mal. Já estava na hora de voltar ao escritório.

Esse tinha sido o pior dia da minha vida depois do fim do namoro, já que não só recebi a carta dos RH como também chegou uma da minha agência de aluguer a dizer que a renda ia subir a partir do mês seguinte. Isso deu-me um incentivo extra para voltar ao trabalho porque, agora mais do que nunca, não me posso dar ao luxo de perder o emprego.

Descemos a escadaria circular branca que circunda o átrio, e a minha pulsação dispara quando vejo o trampolim com o meu colega Giles a saltar feliz da vida em cima dele.

— Vai ser ótimo publicar estas novas fotografias no nosso site — diz o Rick —, para o caso de os tipos da Spinnaker começarem a analisar a empresa.

Aceno com a cabeça esperando que as minhas fotografias não fiquem tão horríveis ao ponto de os espantar. A nossa empresa está a tentar ganhar o projeto para fazer os materiais de marketing para a Torre Spinnaker, que é a atração turística local, na esperança de que isso seja o trampolim para ficar com todo o trabalho da empresa-mãe, que detém outros locais famosos por todo o país.

— Fantástico! Agora salta outra vez — diz o Seb, o nosso habitual fotógrafo freelance.

Chego ao átrio e fico a ver o Giles com apreensão. Com a sua estatura magricela de quase dois metros, dá a impressão de que vai bater no teto a qualquer momento.

Só o facto de olhar para ele está a pôr-me zozza. Agarro-me ao corrimão para me equilibrar. Como é que vou conseguir subir para cima daquilo?

— Perfeito! Obrigado, Giles — diz o Seb, indo até ao portátil para ver o trabalho. — Estão perfeitas. Parece que é a tua vez, Abi. Importas-te que beba um café rapidamente?

— Não, não. Leva o tempo que quiseres — digo eu, sentindo-me como se tivesse conquistado um derradeiro minuto a mais antes da execução.

— Foi espetacular! — diz o Giles ao calçar os ténis, antes de se dobrar para apertar os atacadores.

— Parecias estar a divertir-te.

— Bem, era essa a recomendação do Rick.

Olhámos para o nosso estimado líder, que, entretanto, subira para o trampolim para dar uns saltinhos. Está a cair magistralmente de traseiro e a fazer mortais à frente e à retaguarda. Não contribui em nada para me acalmar os nervos.

— Então, como estás? — pergunta o Giles, com a cabeça ligeiramente inclinada numa pose piedosa.

— Estou bem — digo eu, mentindo.

— É bom ver-te de novo a trabalhar e a andar com as coisas para a frente.

— Obrigada.

— Sim, não te estava a fazer bem ficares por casa. O melhor é sair e andar por aí.

Digo-lhe que sim com a cabeça, apesar de discordar. Se o Rick não tivesse estragado tudo com a sua carta, eu podia ter ficado enfiada no meu buraco indefinidamente. Graças à revolução que são as compras na Internet e ao facto de poder receber toda a espécie de entregas de comida à minha porta, não houve na realidade nenhuma necessidade de me arriscar a sair. Até hoje, só tinha tido de sair do meu apartamento duas vezes desde que o Joseph me deixou: uma vez numa escapadela de emergência para me reabastecer de álcool e a outra quando me esqueci de encomendar papel higiénico.

— É verdade, o que vais fazer este fim de semana? — pergunta o Giles.

— Mmm — digo eu, a empatar desesperadamente enquanto tento inventar uma mentira qualquer. — Acho que vou fazer qualquer coisa com a minha amiga Sian.

— Está bem. Se quiseres vir, a Laura e eu vamos passear de bicicleta com uns amigos até à ilha de Hayling. É bastante plano, por isso é muito fácil. Sei que a Laura adoraria a companhia de uma mulher.

Tenho a certeza que sim. A mulher do Giles é uma autêntica mártir, sempre a ser arrastada para as aventuras dele e dos amigos. Mas sejamos francos, ir de bicicleta de Portsmouth até à ilha de Hayling não é algo que eu fizesse mesmo que estivesse a sentir-me ótima.

— Ah, obrigada — digo eu com um pequeno sorriso a formar-se-me no rosto. — Mas não tenho bicicleta.

— Bem, isso não é problema. Um amigo meu tem uma loja de bicicletas e tenho a certeza de que te emprestava uma em segunda mão por um dia.

Que chatice! Porque não lhe dissera a verdade? Que a última bicicleta onde andei provavelmente tinha rodinhas de apoio.

— Acho que a Sian não é grande fã de bicicletas — digo eu, mentindo —, por isso acho que fica para a próxima, mas obrigada na mesma.

O Giles volta a pôr-se de pé.

— Então, está bem, mas se mudares de ideias, manda-me uma mensagem.

— Certo, com certeza. — Sabendo muito bem que o não farei.

— Então... — diz o Giles, inclinando-se mais para mim agora que está de pé. — O que achas da Linz?

Ah, a Linz. A Hayley, uma das minhas colegas designers, foi de licença de maternidade há algumas semanas e a sua substituta, a Lindsey, começou enquanto eu estava a hibernar. Estive com ela alguns minutos esta manhã e tenho andado a evitá-la desde então. É uma daquelas pessoas que é sempre toda animada e positiva, como

se estivesse permanentemente cafeinada. Era capaz de me dar a volta ao miolo num dia normal, por isso, no meu estado atual, não tenho capacidade mental para a aturar.

— Parece... — procuro um adjetivo adequado — otimista.

O sorriso do Giles amplia-se.

— É uma maneira de a desprever. Parece já estar instalada e entregou-se de cabeça ao trabalho enquanto estiveste ausente.

Estou quase a perguntar ao Giles o que quer dizer com aquilo, quando o Seb volta para junto de nós.

— Então, vá, Abi, vamos lá começar — diz ele.

O Giles levanta-me os dois polegares em sinal de apoio enquanto se dirige de regresso às escadas e eu tiro nervosamente as botas.

— Salta para cima do trampolim e eu tiro umas fotos de teste para ter a certeza de que a luminosidade está bem.

Dito assim até parece fácil. Sinto gotas de suor a começarem a acumular-se na testa e o coração a bater a mil à hora.

— Tens a certeza de que isto é seguro? — pergunto ao colocar as mãos na borda do trampolim. — Quer dizer, não costuma ter uma rede à volta para não saltarmos para fora?

— Costuma, mas não a podemos usar porque ia estragar a tela verde e ficava à frente da minha lente. Mas vai correr bem, não tivemos problema nenhum todo o dia e há colchões de choque caso te entusiasmes demasiado com os saltos.

Não há hipótese nenhuma de isso acontecer.

As minhas pernas tremem como varas verdes, mas, neste momento, o medo de ser ridicularizada pelos meus colegas por não ser capaz de saltar em cima de um trampolim é maior do que o meu medo de alturas.

Subo para cima do trampolim com a graciosidade de uma baleia encalhada na areia e dou por mim de gatas, demasiado aterrorizada para me pôr de pé.

— Pronto, agora levanta-te para eu poder testar a luz.

Viro-me e fico de frente para o Seb, e vejo que o Rick está mesmo ao lado dele. Dá-me um largo sorriso e sei por experiência própria

que não tenho nenhuma hipótese de me safar desta. Se lhe dissesse a verdade, ele encarregar-se-ia pessoalmente de tentar curar-me do meu medo de alturas. Provavelmente tentaria empurrar-me do telhado do nosso edifício para saltar de para-quedas, ou fazer rapel ou qualquer coisa igualmente ridícula e cheia de adrenalina.

Ponho-me lentamente de pé, dizendo a mim própria que se as criancinhas conseguem saltar num trampolim então eu também consigo.

— Excelente, muito bem. Parece que estamos prontos para começar — grita o Seb de junto do portátil. — Quando estiveres pronta.

Apanho o Rick a olhar para mim atentamente e, com receio de que ele adivinhe o meu segredo, começo a saltar. Surpreendentemente, começo a sentir-me levantar do trampolim. Talvez só uns centímetros, mas estou mesmo a saltar.

Os músculos das minhas pernas estão rígidos por causa da minha recente inatividade e o pneu da minha barriga transborda como gelatina sobre as calças de ganga.

— Tenta levantar os braços como se estivesses a dar murros no ar — diz o Rick, fazendo a demonstração no chão e fazendo-me tropeçar. — Parece que estás a preparar-te para cair.

É exatamente isso que estou a fazer.

Dou mais alguns saltos, mas quanto mais tento coordenar os braços e as pernas, mais a minha cara se contorce de uma maneira que deve dar a ideia de que estou com prisão de ventre.

— Tenta pensar numa coisa que te faça feliz — sugere o Seb.

Imediatamente penso no Joseph metido na minha cama na semana antes de me deixar. Ele abraçara-me docemente, alisando-me o cabelo comprido e desgrenhado e depois desenhando trajetórias deliciosas com os dedos nos meus braços. Acho que nunca fui tão feliz como nesse momento. Por isso é que foi tão desconcertante quando uma semana depois ele acabou comigo, partindo-me o coração em mil pedaços.

O sorriso desaparece-me da cara e sinto as lágrimas a acumularem-se por trás dos olhos. Não posso chorar no trabalho, e sobretudo

não posso chorar em frente do meu chefe quando todos os meus movimentos estão a ser registados por uma câmara.

— É isso mesmo, excelentes saltos — diz o Rick.

Até tenho medo de pensar no meu aspeto. Ainda bem que vesti a minha camisola larga de gola caída à frente. Pu-la esta manhã para esconder os quilos a mais que vieram parar à minha cintura durante a hibernação, mas espero que agora me esteja a esconder o peito também. Como não fui previamente avisada acerca do trampolim, não estou com sutiã desportivo adequado, e os meus seios estão a saltar por todo o lado.

— Está bom — grita o Seb. — Já podes parar.

Fico tão aliviada por o meu tormento ter acabado e por ter sobrevivido que nem penso em como parar. Limito-me a endireitar as pernas ao descer de um salto e sinto-me a cair para a frente com o impacto. Estou quase a embater perigosamente na borda e tenho a certeza de que estou prestes a cair de cara.

— Calma aí — diz o Rick, saltando para cima do colchão e estendendo os braços para me amparar.

Consegue interromper a queda e faz-me parar antes de aterrar em cima dele. Céus, isso teria sido mesmo embaraçoso. Podia dar por mim deitada em cima do meu chefe, em vez de ele me ter travado com as mãos nos meus seios.

Oh, não, as mãos do meu chefe estão nos meus seios!

As mãos dele envolvem sem margem para dúvida os meus seios 36DD e são a única coisa que me impede de cair sobre ele. Tento puxar-me para trás, mas estou tão desequilibrada que a única coisa que consigo fazer é cair ainda mais na direção dele e dar-lhe mais para apalpar.

Mas porque é que ele não tira as mãos?

É como se não tivesse dado conta de onde estão. Sei que está provavelmente aliviado por eu não ter caído sobre ele, esmagando-o com o meu peso excessivo, mas com certeza que sente o que tem nas mãos? Está a apertar-me com tanta força que parece que trago um dos sutiãs cónicos da Madonna.

— Estás bem? — pergunta ele. — Foi uma paragem e peras.

— Mmm, sim, mas ficaria melhor se...

Se me tirasses as manípulas das mamas, apetece-me gritar. Mas não consigo dizer tal coisa ao meu chefe.

— ... se eu estivesse, sabes... um pouco mais direita.

O Rick olha para as mãos e os olhos quase lhe saem das órbitas, horrorizados.

— Ai! — Empurra-me para trás com tanta força que caio de tra-seiro com um ressalto.

As mãos dele ainda estão estendidas, petrificadas na posição anterior, e parece tão traumatizado com o que aconteceu como eu.

— Obrigada por me apanhares — murmuro, mortificada.

Deslizo do trampolim para baixo, ansiosa por chegar ao chão e me afastar do Rick.

— Tudo bem — gagueja ele, antes de finalmente baixar as mãos e de se esgueirar pelas escadas acima, demasiado embaraçado para estabelecer contacto visual.

Quando os meus pés se ajustam a estar em terra firme, vou ter com o Seb, que está a olhar para o computador, tendo-lhe escapado todo o incidente das mamas.

— Não estão más — diz ele.

Olho para as miniaturas com olhos semicerrados e recuo horrorizada.

— Mas também não estão bem — respondo.

Não acredito que sou eu que estou ali no ecrã. Mal me reconheço. Tenho umas olheiras enormes por baixo dos olhos, e o cabelo castanho-escuro que me dá pelos cotovelos está baço e desalinhado, esvoaçando atrás de mim. Parece que fui eletrocutada. A camisola e as calças pretas que trazia vestidas para encobrir os quilos pós-separação são mais desinteressantes do que elegantes. Em suma, dou a impressão de ter acabado de chegar de uma direta passada numa convenção de góticos.

— Não está tão bem como a fotografia do ano passado — diz o Seb diplomaticamente. — Mas já vi piores hoje.

Volto a olhar para as miniaturas na esperança de ver pelo menos uma boa, mas em todas elas parece que estou invariavelmente a fazer uma audição para um papel num filme de zombies.

— Não te preocupes, vamos fazer uma coisa igualmente divertida no próximo ano — diz o Seb.

— Não sei se conseguirei controlar a ansiedade da espera — digo sarcasticamente.

Sorri-me e vai falar com a Pat, a gerente de escritório, a sua próxima vítima. Apesar de ter feito 60 anos no ano passado, não mostra sinais de medo como eu. Pelo contrário, tira os óculos e os sapatos, e sobe voluntariamente para o trampolim. Fico a vê-la fazer os seus saltos de teste enquanto sobe delicadamente no ar.

Tenho a certeza de que este ano o prémio de pior fotografia não me escapa.

Volto a calçar as botas e dirijo-me lentamente para a minha secretária. Não me apetece trabalhar mais, por isso desligo o computador. É sexta-feira e são quase horas de ir embora.

— Como ficaram as tuas fotografias? — pergunta a Fran, que está no cubículo em frente ao meu, quando passo pela secretária dela. Eu esperava sair sorrateiramente sem atrair as atenções.

— Não muito famosas. E as tuas?

— Ficaram bem — diz ela, pondo-se de pé e pegando na chávena de café. — Graças a não terem sido tiradas naquele maldito trampolim.

— Como é que te conseguiste safar?

Havia sequer essa opção?

— Bem — diz ela, chegando-se para mim. — Preguei uma peta ao Seb.

— Estou a ver... — digo, esperando ficar a saber como escapar da tormenta do próximo ano.

— Disse-lhe que estava grávida.

— Tu o quê? — pergunto, pensando não ter ouvido bem.

— Disse ao Seb que estava grávida e que não era aconselhável pôr-me aos saltos. — E encolhe os ombros como se fosse perfeitamente normal inventar uma gravidez no local de trabalho.

— E não achas que ele pode dizer ao Rick?

— Disse-lhe para não o fazer porque estou à espera de que faça três meses para o anunciar, e claro que depois lhe vou dizer que o teste era um falso positivo ou que abortei.

Fico sem ar, como se ela estivesse a agourar os seus futuros bebês.

— A única coisa que sei é que, quando vi a Linz aos saltinhos como se fosse um macaco alucinado, decidi que não ia fazer aquilo. Acreditas que ela nem sequer tinha sutiã e que mesmo assim não parava?

Abana a cabeça, indignada.

— Que mau gosto! — exclamo, pensando que é um pouco irónico que a Fran ache que a falta de sutiã é a parte mais perturbadora desta conversa.

— Olha, tenho de ir andando.

— Está bem. Bom fim de semana!

— Para ti também — digo, acenando ao mesmo tempo que praticamente corro para a saída de emergência. Nunca mais quero ver aquele trampolim.

O ar fresco bate-me na cara e o pensamento volta-se-me para as fotografias que acabei de ver. Sabia que as últimas semanas tinham sido mentalmente difíceis para mim, mas não sabia que também tinham deixado uma marca tão física.

Caminho vigorosamente para casa, rogando pragas ao Joseph e ao seu discurso que terminou o nosso belo romance: «Não acho que queiramos as mesmas coisas da vida.» Antes disso, eu era um ser humano normal e são. Uma pessoa que se levantava de manhã sem se desfazer em lágrimas ao ver uma caixa de cereais com as impressões digitais dele.

Já lá vão quatro semanas e não estou a conseguir ultrapassá-lo de todo. De facto, a ausência fez-me gostar ainda mais dele e sinto que, a cada dia que passa, tenho mais saudades.

Apresso-me a chegar a casa, ansiosa por me esconder e me sentir profundamente infeliz à vontade. Praticamente corro pelas escadas

da entrada do meu bloco de apartamentos. Normalmente teria feito uma pausa para olhar para o parque ladeado de árvores e para o mar depois dele, mas hoje não. Antes pelo contrário. Quero chegar ao santuário do meu apartamento o mais rapidamente possível.

Abro a porta da frente e sinto imediatamente o cheiro. É uma combinação de vinho abafado e comida chinesa.

Entro na sala de estar e é como se nunca a tivesse visto. Parece que um adolescente foi deixado sozinho em casa pela primeira vez. A minha sala de estar integrada está repleta de caixas de comida *takeaway*, garrafas de vinho e sacos de batatas fritas meio cheios. É difícil dizer onde termina a área da cozinha e começa a sala.

Fico a pairar na entrada, franzindo o nariz. Como é que tenho andado a viver desta maneira?

Não é só o meu apartamento que está num caos, penso eu, ao ver o meu reflexo no espelho de corpo inteiro do corredor — eu também estou. Viro-me para me estudar melhor.

As luzes fortes da sessão fotográfica podem ter ampliado os olhos de panda inchados, mas não há dúvida de que são claramente visíveis. Passo os dedos pelo cabelo enriçado, que me cai frouxamente pelas costas abaixo. Encho as bochechas de ar e massajo as bolsas flácidas que tenho debaixo dos olhos, mas nada muda. A única coisa que vejo, quando olho para o espelho, é a mulher que o Joseph deixou.

Tenho desesperadamente desejado que ele dê conta do erro que cometeu e que volte para mim, mas que raio é que ele iria pensar de mim e do apartamento se voltasse?

De repente, já sei o que tenho de fazer.

Vou para a cozinha e pego numa tesoura que está no faqueiro. Levanto o cabelo e seguro-o como se o estivesse a arranjar num rabo de cavalo solto.

Voltando para a frente do espelho, respiro fundo antes de aproximar a tesoura do cabelo e de o cortar. Gemo ligeiramente quando as lâminas cham ao atravessar o cabelo, mas só dura um instante e de repente fico com 23 centímetros de cabelo na mão.

É como se subitamente me apercebesse de que tenho de assumir o controlo desta existência pós-rutura. Já tenho um obstáculo bastante grande à minha reconciliação com o Joseph — que é ele —, por isso, não preciso de outro.

Volto a olhar para o cabelo que tenho na mão e dou uma gargalhada. Talvez seja a coisa mais louca que já fiz na vida, mas de certa forma parece a decisão mais sensata que tomei nas últimas semanas.

Capítulo Dois

*Exatamente quatro semanas desde que levei com os pés
e 22 horas desde que cortei o cabelo.*

Foi um choque acordar esta manhã e ver o meu novo corte de cabelo. Toda a minha vida tive cabelo comprido, ou pelo menos teria tido se a minha irmã Jill não se tivesse fartado de brincar com o Busto de Penteados do Mundo das Bonecas e cortado o meu cabelo, para variar. Mas aparte esse involuntário corte à duende quando eu tinha 6 anos, o meu cabelo sempre me cobriu as costas, como uma crina brilhante, chegando por vezes abaixo da linha da cintura. Por isso, quando, ainda meio a dormir, o tentei apanhar, não esperava ter de andar à caça dele.

Mal consigo fazer um rabo de cavalo com o meu novo cabelo, que me dá um ar um pouco melhor do que o ar de espantalho que tenho quando está solto.

Pode ter sido simbólico — cortar as pontas mortas do cabelo como se tivesse cortado as pontas mortas da minha vida —, mas não tinha refletido a sério sobre as consequências que teria para o meu aspeto.

Ainda bem que é sábado e tenho tempo de o arranjar.

Consigo a última marcação disponível no meu cabeleireiro e, felizmente para mim, é um dia gelado de março, por isso posso enfiar o cabelo debaixo de um gorro com toda a legitimidade.

— Abi! — diz a Carly, a minha cabeleireira, ao atravessar o salão.
— Não vais voltar a cortar o cabelo, pois não?

— Não, mas eu... precisava de mudar um pouco.

Coloca uma capa preta sobre mim e sigo-a para uma cadeira preta confortável.

O meu último corte foi no fim de semana em que o Joseph acabou comigo. Sinto-me tola ao pensar que me sentei nesta mesma cadeira a dizer à Carly como o meu namorado era incrível, tendo ele ironicamente terminado comigo poucas horas depois.

Ela liberta-me do gorro e fica sem respiração.

— Que diabo aconteceu? — guincha ela.

Começa a levantar montes de cabelo e a deixá-los cair outra vez.

— Precisava de mudar — repito, sentindo-me como um disco riscado.

— Fizeste isto a ti própria? — pergunta ela incrédula.

— Sim.

— E estavas sóbria?

— Estava — digo eu, embaraçada.

Ela olha para o meu reflexo no espelho como se procurasse a resposta nos meus olhos.

— Acabaste com o teu namorado — adivinha ela, outra vez sem respiração.

Recolho os lábios e mordo-os, tentando impedir as lágrimas de caírem. Já sinto os olhos a brilhar.

— Olha, não te preocupes. Vamos pôr-te com um aspeto mais sensual do que nunca. Sabes, os cortes redondos pelo pescoço estão na moda — sorri, e ao ouvi-la, começo a sentir necessidade de chorar copiosamente. — Acho que tirando um pouco à frente para lhe dar linha de corte e talvez escadeando ligeiramente aqui vai ficar mesmo bem.

» Só me aborrece não ter sido eu a dar as primeiras tesouradas. Há anos que quero mudar o teu penteado e nunca me deixaste tirar mais do que centímetro e meio, e a única vez que queres fazer uma coisa drástica, roubas-me o prazer.

— Desculpa — digo, sorrindo.

— Vamos ali para o lavatório e depois podemos começar. Estou tão ansiosa. Acho que vais ficar maravilhosa. Não costumo ser defensora da automutilação, mas acho que, desta vez, vai resultar mesmo bem.

Depois daquilo que me pareceu a lavagem mais rápida de sempre, graças à redução de 75 por cento do meu cabelo, a Carly deita mãos à obra. Apanha pequeníssimas quantidades de cabelo de cada vez e corta o que parece ser muito, tendo em conta que não tem muito com que trabalhar. O meu coração acelera a cada tesourada. Só quando começa a secá-lo com o secador e começo a vê-lo tomar forma é que começo a relaxar.

Quando o corte redondo é magistralmente arranjado à volta da minha cara, de uma maneira que por muito que tente nunca conseguirei replicar, mal reconheço a pessoa que está no espelho.

Pronto, está bem, vejo que sou eu graças às olheiras que mais parecem pires sob os meus olhos, mas estou diferente. Fica-me bem. De facto, fica-me mesmo muito bem.

Será que o Joseph iria gostar?

Não, não, não, penso eu, abanando a cabeça e conjurando a ira de Carly, que quase me tira um bocado de cabelo à frente. Peço desculpa antes de tentar banir os pensamentos sobre o Joseph da minha mente. Hoje não vou pensar nele.

Estou tão absorvida a tentar livrar-me dos pensamentos do meu ex-namorado que não presto atenção aos retoques finais da Carly.

— Ta-naa! — diz ela teatralmente.

Pega num espelho redondo e põe-mo atrás da cabeça para eu poder ver a parte de trás do cabelo.

— Chiça — exclamo.

Ela pôs-me de certeza um produto no cabelo que lhe dá um lustro e brilho que o torna tão reluzente como um *fondue* de chocolate.

— Fica-te mesmo bem. Estás a ver, já devias ter-me deixado fazer este tipo de corte há anos.

Levo a mão ao cabelo, mas recolho-a imediatamente, com medo de o estragar.

— Nem acredito que sou eu — digo num sussurro.

— Estás linda — afirma a Carly. — Bem, agora espero que vás a algum sítio decente esta noite para o mostrar.

— Ainda não tenho a certeza.

— Bem, então trata disso.

Puxa a cadeira para trás, levanto-me lentamente e sigo-a para a caixa registadora, pagando e agradecendo-lhe profusamente à saída.

Meto o gorro na mala — nem pensar em usá-lo agora, mesmo que isso signifique que as orelhas fiquem um pouco frias.

Caminho graciosamente por Southsea High Street enquanto vou ao encontro da Sian e dou por mim a sorrir para os estranhos com que me cruzo. Os músculos da boca começam a doer-me por estarem desabitutados de sorrir, mas não me importo. Pela primeira vez desde há várias semanas, sinto-me feliz. É como se tivesse vislumbrado o meu velho eu.

Vejo ao longe a Sian, à porta das grandes galerias comerciais onde combinámos encontrar-nos. À medida que me aproximo dela, começo a sentir-me nervosa e a ter dúvidas sobre o meu novo corte radical. E se for drástico demais? Claro, a Carly disse que gostava, mas será que podemos confiar numa cabeleireira que já vimos usar um corte redondo em que metade do cabelo era cor-de-rosa e o outro lado estava completamente rapado?

A Sian ainda não me viu, está demasiado entretida com o telemóvel. Chego-me mais perto e fico à frente dela. Levanta os olhos momentaneamente, mas não diz nada e vira de novo a atenção para o telefone.

Será que todo aquele tempo escondida no meu apartamento me tornou invisível? Continuo ali de pé, esperando que ela me veja.

Volta a levantar os olhos, desta vez com um toque de irritação na cara, antes de ficar de boca aberta.

— Oh, meu Deus! Abi!

— Olá — digo eu, a rir. Não é todos os dias que deixo a minha amiga chocada.

— Nem acredito que és tu. Olha para o teu cabelo!

Ponho uma madeixa atrás da orelha, insegura.

— Gostas? — pergunto, retendo a respiração.

— Não gosto — responde ela, deixando-me desalentada. — Adoro! Fica-te mesmo bem. Uau! Nem acredito que és tu.

Vejo o meu reflexo na montra e também não acredito que sou eu.

— És uma Abi completamente diferente daquela miséria lacrimajante que deixei na quinta-feira à noite — diz ela, abanando a cabeça com a boca ainda aberta. — Estás maravilhosa!

— Obrigada. É bom não ouvir dizer que estou com péssimo aspeto.

É o que ela me tem dito ultimamente, de tal forma que quase se tornou um chavão.

— Sabes que só te dizia isso porque gosto de ti e queria que saíesses de debaixo da pedra sob a qual te estavas a esconder. E estás a ver? Agora conseguiste.

Sorriso com um pouco de vaidade.

— E então, vamos tomar um café? — pergunto.

— Ah, não. Vamos às compras. Um cabelo desses merece roupa nova.

— Não sei... — digo, espetando o dedo na minha barriga. Queria perder os quilos a mais antes de comprar roupa nova.

— Disparate! Vamos.

A Sian vira-se e entra nas galerias, dirigindo-se diretamente para a zona de vestuário de senhora. Parece uma mulher com uma missão, enquanto inspeciona os expositores de roupa, levantando vestidos aqui e ali na minha direção, antes de torcer o nariz e os devolver à prateleira.

— Então, o que aconteceu? — pergunta-me ela enquanto começa a amontoar peças no braço. — Há semanas que ando a tentar que saias de casa, e não só combinas encontrar-te comigo na cidade como também me apareces como uma modelo.

— Pois, uma modelo que precisa de muitos retoques — respondo, estremecendo ao pensar na sessão fotográfica do dia anterior. A Sian olha para mim de maneira expectante, como se eu não tivesse respondido à sua pergunta. — Estava a sentir-me mesmo mal porque me tiraram uma fotografia no trabalho e fiquei com um aspeto horrível. Depois entrei no meu apartamento e apercebi-me do nojo em que se tinha tornado. E, então, compreendi que o apartamento

era o meu reflexo. Por isso, senti que tinha de ser eu a tratar do problema. Dei uma tesourada no cabelo e passei o resto da noite em limpezas.

— Uau, então já não precisas de um sinal de perigo biológico na porta?

— Engraçadinha!

Gostaria de protestar que não estava assim tão mau, mas na verdade estava.

— Bom — diz ela —, ainda bem, porque estava quase a calçar as minhas luvas de borracha e a invadir a tua casa com um frasco de *Cillit Bang*.

Bolas, isso seria uma prova de verdadeira amizade. Não desejava a limpeza da noite passada ao meu pior inimigo.

Fico a observá-la a atirar um vestido que viola a lei da publicidade enganosa, já que é tão curto que parece um top no braço dela.

— Experimenta isto — diz ela, lançando-me um monte de peças.

Pego nelas e sigo para o provador, conseguindo pelo caminho perder o top que se fazia passar por vestido. Não havia qualquer hipótese de a Sian, com a sua capacidade persuasiva, me conseguir levar, a mim e às minhas pernas de tronco de árvore, a vestir aquilo.

Experimento o primeiro vestido e dou um passo atrás para olhar para mim antes de abrir a cortina e deixar que ela veja.

— Parece-me bem — diz ela. — Mas experimenta um dos outros.

Faço o que me manda e, depois de pôr de lado um vestido metálico muito justo — nem pensar em vestir aquilo —, decido-me por um vestido rodado azul-elétrico. Pelo menos, cobre-me o rabo e a saia abre para fora, escondendo-me as coxas.

— É esse — diz a Sian, ainda eu mal tinha saído do cubículo. — Esse vai ser perfeito para irmos tomar um copo esta noite.

— Esta noite? Ainda não tenho a certeza de estar preparada para sair — digo enquanto fecho a cortina para despír o vestido.

— Com esse vestido, o teu novo corte de cabelo e uma garrafa de vinho, vais sentir-te outra. Vamos a tua casa ouvir música para te pormos com o estado de espírito certo.

Visto as calças de ganga e a camisola larga e questiono-me se sou capaz de aguentar uma saída.

Pago o vestido e saímos da loja, caminhando em direção à minha casa.

— Olha a diferença que 48 horas fazem — diz a Sian enquanto nos afastamos de High Street e as lojas dão lugar a agências imobiliárias e restaurantes.

— Eu sei. Começo a sentir-me um pouco mais como eu era.

— Ainda bem, porque tenho saudades dessa amiga.

Quanto mais nos aproximamos do apartamento, mais perto ficamos da frente de mar e do vento frio que aí se sente. O Sol já se está a pôr e começa a ficar fresco. Aperto o casaco à minha volta, e a Sian dá-me o braço.

— Então, com toda esta mudança, isso significa que estás a ultrapassar o desgosto do Joseph?

— Não diria que já o ultrapassei, mas não vale a pena andar a choramingar pelo apartamento. Consumir o meu peso em batatas fritas não o vai trazer de volta.

— E cortares o cabelo traz?

Sorriso, e mantenho o olhar fixo na rua que tenho à frente. A Sian conhece-me demasiado bem.

— Bem, de certeza que tem melhor aspeto do que um cabelo tão gorduroso que podia fritar batatas nele.

— Então, ainda o queres de volta?

— Absolutamente. Ele é o tal!

Ela não responde e eu sei que está em pulgas para me dizer qualquer coisa.

Não sou a única com um comportamento estranho nas últimas semanas. A Sian é uma das pessoas mais comunicativas que conheço, mas desde que o meu namoro acabou tem andado sempre calada.

Por razões que nunca compreendi, ela nunca foi grande fã do Joseph; no entanto, desde que rompemos, mal disse uma palavra a denegri-lo. Claro que disse o habitual «se ele não consegue ver

que és maravilhosa, então não te merece» e «quem precisa de um homem para ser feliz», mas nunca foi pessoal.

— Sei que tu não pensas que ele seja o tal, mas eu penso, e não acho que esse sentimento vá desaparecer tão cedo.

A Sian suspira e eu não aguento mais.

— Podes dizer-me o que te está verdadeiramente a passar pela cabeça.

Deixo de andar e tiro-lhe o braço. Fecho os olhos e fico com o corpo tenso, à espera do que ela tem para me dizer.

— É só que... — A Sian hesita. — Nunca me pareceu que ele gostasse assim tanto de ti.

— Não gostar de mim? Foi ele que insistiu para que nos amássemos, logo no nosso segundo encontro — respondo, momentaneamente surpreendida. De todos os homens com quem andei, ele era o mais empenhado. Estava constantemente a dizer a palavra começada com «A» e apresentava-me como sua namorada às pessoas que encontrávamos.

O Joseph está nos antípodas do seu melhor amigo, o Marcus, que já andou com mais mulheres do que eu jantei fora. Ele é um predador do *Tinder*, enganando mulheres que já vão com sorte se tiverem direito a pequeno-almoço. Mas o Joseph é como que um anti-Marcus, monógamo ao máximo e feliz por isso.

— Não gostar muito de mim... — repito, desta vez com uma risadinha e um abanar de cabeça. — O que é que te deu essa impressão?

— Bem, vocês namoraram quase um ano e nunca fizeram planos para o futuro. Nunca fizeram férias juntos, ele levou a irmã como acompanhante ao casamento daquele amigo e nunca te apresentou à família.

Faço um som gutural e tento segurar as lágrimas. São observações que povoam a minha mente desde que o Joseph me deixou, mas é diferente quando outra pessoa as diz em voz alta. É esse o problema de ter uma amiga íntima a quem contamos absolutamente tudo — pode usar o que sabe para nos magoar mais tarde.

Durante estas semanas, tentei pensar nas possíveis razões para o comportamento estranho do Joseph. Nunca fizemos planos para o futuro, como irmos viver juntos, porque o Joseph gostava de ficar ocasionalmente no meu apartamento junto ao mar. E por mais que fosse uma bênção financeira ter ido viver para a sua casa com três quartos, seria um problema ir de lá para o trabalho e do trabalho para casa.

Quanto àquele casamento, fazia de facto mais sentido levar a irmã, já que ela tinha estado com os amigos dele da universidade em várias ocasiões, e eu só os tinha visto uma vez, de passagem. Nem toda a gente é como eu, que fico toda piegas nos casamentos, e deseja passar a noite toda sussurrando coisas meigas e fantasiando com a sua cara-metade sobre o seu próprio dia mágico.

E, segundo o que o Joseph me contou da sua família, fez-me um favor ao não me apresentar a eles. Dá a impressão de serem um pesadelo — muito intensos e dependentes. O Joseph disse que, se eu os conhecesse, estariam sempre a contar que os visitássemos a toda a hora e a mãe haveria de estar sempre a convidar-me para ir à ópera ou ao ballet, e o Joseph queria-me toda só para ele. Se isto prova alguma coisa é que ele gostava muito de mim.

— Essas são exceções à regra — digo, sabendo que a Sian nunca compreenderá. — E, além disso, levava-me sempre naquelas saídas românticas.

Os lábios da Sian ainda estão apertados.

— Vá lá, estávamos sempre a fazer coisas românticas: a ir ao teatro, a comer em restaurantes finos, a explorar monumentos e quintas classificados como património nacional.

— Não chamaria a isso exatamente romântico — diz ela, revirando os olhos.

— Claro que eram. O que não faltava na nossa relação eram jantares à luz das velas e rosas. Tu, Mulher de Gelo, não entendes porque não tens um único osso romântico no corpo.

— Está bem. Sei que não sou toda coraçõezinhos e rosas, mas, diz lá, achas mesmo que isso era romântico? Quer dizer, pareceu-me

sempre um cliché e, antes de andares com ele, nunca pensei que fosse o tipo de coisa que gostasses de fazer semana sim, semana não.

Tento evitar o contacto visual. Não posso dizer que seja propriamente pessoa de ir ao teatro regularmente, e antes de conhecer o Joseph achava que um *sommelier* era uma pessoa da Somália. Mas isso não quer dizer que não tivesse aprendido a gostar dos nossos encontros.

— E não achas que a maneira como passaste de um primeiro encontro para estares completamente apanhada foi um pouco estranha? Aconteceu tudo muito depressa e, sempre que o via, dava-me a impressão de que ele não te conhecia minimamente.

— Às vezes, não é preciso conhecermo-nos primeiro; às vezes, há simplesmente aquela faísca — contesto, arrependendo-me de ter pedido à Sian que me contasse o que lhe ia na cabeça. Começo a andar outra vez e apressamo-nos a atravessar a rua quando apanhamos um intervalo no trânsito. — No dia em que o conheci, soube logo que ele era o tal. Foi lá...

— No café, eu sei. Já me contaste a história. Ele ficou com o teu *latte* de caramelo e tu com o seu chocolate moça, ou fosse lá o que fosse.

Provavelmente macei-a contando-lhe cem vezes a história de como nos conhecemos, mas ela continua a não entender. Não entende a ligação que o Joseph e eu tínhamos. O choque elétrico que senti quando tocámos na mão um do outro ao trocarmos as bebidas. O olhar que me deitou quando me fixou nos olhos, como se estivesse a ver-me a alma. Como o achei amoroso quando ele se entaramelou todo ao desfazer-se em desculpas por ter bebido um pouco do meu *latte*, corando depois, dando-se conta do que tinha dito.

Foi nessa altura que soube que o meu destino era apaixonar-me por aquele homem. E foi o que fiz. Senti que tinha tropeçado e rebolado numa escadaria com um milhão de degraus. É necessário muito tempo, e mais do que um corte de cabelo, para subir essa escadaria outra vez.

Pestanejo para afastar uma lágrima malandra. *Não vou chorar. Não vou chorar.* Fiz tantos progressos nas últimas 24 horas; não quero voltar à pessoa patética em que estava a tornar-me.

Contornamos a esquina para a minha rua e a Sian volta a dar-me o braço. Somos empurradas pelo vento forte que assobia vindo do mar por trás de nós e nos impele para mais perto do meu bloco de apartamentos.

— Olha, Abs, não quero aborrecer-te. Sei que vai levar tempo a ultrapassares isto, e só quero que saibas que estarei sempre aqui para te apoiar enquanto o fazes.

Tento sorrir. Sei que está a fazer o melhor que pode, mas é difícil quando ela não percebe o que eu perdi. Ela não entende as relações, ponto final. Não tem nada a ver com elas. Pensando bem, acho que ela é o equivalente feminino, não tão radical, do Marcus.

Fazemos o resto do caminho para o meu apartamento em silêncio absoluto.

Estou em piloto automático quando abro a porta do prédio e atravesso o átrio, passando pelas caixas do correio. Estou demasiado absorvida nas minhas recordações do Joseph para notar que a Sian parou.

— Abi, isto é para ti.

Viro-me e vejo-a levantar uma grande caixa castanha do chão.

As abas ainda estão abertas em cima — foi claramente entregue em mão. Sou invadida por uma sensação estranha e sei instintivamente o que é e de quem é, mesmo antes de reconhecer a caligrafia.

— O que é? — pergunta a Sian.

— São as coisas que deixei em casa do Joseph.

Nem acredito que estive aqui no meu bloco de apartamentos, neste local exato.

Fico dilacerada por não o ter visto, e especialmente agora que tenho um corte de cabelo supersensual e estou-me-nas-tintas-para-ti-a-sério-que-estou, mas é mais do que isso — aquelas coisas eram a minha única razão legítima para o ver outra vez, e ele acaba de ma roubar.

A única coisa reconfortante em toda esta rutura era que parte de mim ainda estava na casa dele, mesmo que fosse na forma de CD, livros e de um conjunto aleatório de roupa. Sempre pensei que, quando me recompusesse, passaria por lá despreocupadamente para as ir buscar, com um ar de supergata e, claro, o Joseph iria perceber o erro que tinha cometido e havia de me suplicar que voltasse para ele. Só que agora as minhas coisas foram encaixotadas e enxotadas da vida dele, tal como eu fui.

— Oh, não — diz a Sian. — Não te atrevas a voltar a ser uma chorona melancólica.

— Tarde demais — murmuro eu, voltando a ser sugada pela onda de tristeza. — Só que, desta vez, não sei se tenho força suficiente para a combater.